

SÊNECA E A VIDA VIVIDA NA VIRTUDE

José João Neves Barbosa Vicente*
josebvicente@bol.com.br

Carlos Antônio Pereira**
carlos_gyn10@hotmail.com

RESUMO: Para Sêneca, viver sem usar a razão significa viver por impulso. Mas, para viver bem é necessário viver virtuosamente, ou como disse, viver de acordo com o necessário. Exceder o necessário significa cair na escravidão. Este texto propõe analisar as virtudes em Sêneca como caminho e a própria felicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade; Liberdade; Prazer; Virtude.

ABSTRACT: *For Seneca, live without using the reason means to live for impulse. But, to live well it is the necessary to live virtuously, or as it said, to live in accordance with the necessary. To exceed the necessary means to fall in the slavery. This text proposes to analyze the virtues in Seneca as way and the proper happiness.*

KEYWORDS: *Seneca, Happiness, Freedom; Pleasure; Virtue*

Virtude, para Sêneca é o caminho para a felicidade e, em certa medida, a própria felicidade. Ela consiste na honestidade, no bem e está distante do mero prazer; “é algo de elevado, sublime e nobre, invencível, infatigável. O prazer é coisa baixa, servil, débil, efêmera que tem domicílio em bordéis e tabernas... já vê o fim, quando começa”¹.

Para Sêneca, portanto, virtude e prazer são coisas distintas e inconciliáveis. Como disse:

Eu não vejo como conciliar coisas tão diversas. (...) Ora, se prazer e virtude não fossem realidades distintas, então não existiriam coisas deleitáveis, mas somente coisas desonrosas nem coisas honestíssimas, mas onerosas e só alcançadas a preço de muito penar².

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professor Assistente de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

** Graduado em Filosofia pelo Instituto de filosofia e Teologia Santa Cruz (ISC)

1 SÊNECA (2006), p.42-43

2 SÊNECA (2006), p.42

Virtude é algo sublime e elevado, dom do sumo bem, “com, frequência está vazia do prazer e nunca dele necessita”³. Não há como se usar dela para o mal e, por isso, ela basta para a felicidade. “Ninguém pode ser feliz se não tiver a mente sadia e, certamente, não a possui quem opta pelo que vai prejudicá-lo”⁴. Optar pelo prazer é correr o risco de sofrimentos desnecessários. O homem virtuoso, este de mente sadia, ao agir, não se baseia pelo prazer, mas pela virtude que em si, é um bem. Ao contrário do sábio, o homem inconsciente, que age pautado apenas pelo prazer encontra somente o fracasso. O prazer leva o homem à servidão. Um servo deste tipo não pode ser feliz, pois, não pode ser livre de si mesmo e de suas próprias fraquezas. Portanto, “quem mistura prazer com virtude, mesmo que não em partes iguais, enfraquece o vigor que é próprio do bem e submete ao seu jugo a liberdade que é invicta porquanto esta desconhece algo de mais precioso além de si mesma”⁵.

Sendo a virtude a própria felicidade, ou seja, o fim último do homem, o prazer tende a ser apenas meio. Tende a ser “um aliado e não o guia da vontade digna e reta”⁶. Como guia da vida, Sêneca indica a natureza, pois ela, “dentre outros benefícios, (...) dotou-nos do principal, qual seja, livrar o fastio da necessidade”⁷. Ao homem que aspira viver virtuosamente nada mais é necessário além do que a própria natureza oferece. Assim, ela, a natureza, é quem melhor pode conduzir o homem à virtude: “Eu sigo a natureza. É sabedoria não se afastar dela e adequar-se às suas leis e ao seu exemplo. É, pois, feliz a vida que está conforme a própria natureza”⁸. O homem que vive naturalmente o faz por meio do necessário, e não do que é supérfluo. Assim, “a virtude reside em uma casa simples, o vício habita uma residência luxuosa”⁹. Quem procura viver segundo a natureza consiste em procurar o que é simples.

Mas, para Sêneca¹⁰, “isso só pode acontecer, antes de tudo, se a mente for sã e estiver na plena posse de suas faculdades”. Ter a mente sã é justamente ter consciência. O exercício das faculdades conduz o homem às virtudes e posteriormente à felicidade. Só consegue

3 SÊNECA (2006), p.42

4 SÊNECA (2006), p.41

5 SÊNECA (2006), p.55

6 SÊNECA (2006), p.43

7 SÊNECA (2008), p.136

8 SÊNECA (2006), p.36

9 PULS (2006), p.169.

10 SÊNECA (2006), p.36

desfrutar de suas potencialidades o homem que tem consciência plena. Portanto, percebe-se que sem este caminho não é possível ao homem buscar a felicidade. Pode encontrar de outro modo, talvez meros momentos de alegria, ocasionados pelos prazeres. Mas Sêneca, em sua filosofia, não convida o homem para fruir os prazeres, e sim, para a plena alegria. Alegria esta que, segundo o filósofo, é uma “alegria expansiva, imperturbável, constante, seguida da paz na harmonia da alma, unida pela grandeza da mansidão”¹¹.

Apesar dessas constatações, não é correto afirmar que Sêneca desenvolveu uma filosofia contra o prazer. No fundo, ele não nega a função relativa do gozo sensual. Apenas o submete ao imperativo da razão que colima o bem honesto, mesmo com renúncia dos deleites dos sentidos. Perceber o uso do prazer como meio é reconhecer a sua pouca importância diante da magnitude da virtude. A respeito de quem se deixa conduzir pelos prazeres, Sêneca¹² diz: “no dia em que ele for dominado pelo prazer, ficará submetido ao sofrimento”. O desejo sempre começa pelo fim, enquanto a razão procura o meio. O homem que busca a felicidade deve buscar somente o meio oferecido pela razão, e o prazer, deste modo, só se torna meio se for agregado pela razão e não em si mesmo. O prazer deve ser consequência da vida virtuosa. Buscar o prazer pelo prazer é buscar a finitude pela finitude, a imperfeição pela imperfeição. Quem busca o que é perfeito deve o fazer somente pela virtude.

O prazer pelo próprio prazer, a nenhum outro lugar pode levar o homem a não ser à escravidão:

Se estiver, inteiramente, submisso àquilo, como poderia vencer o perigo, a pobreza e tantos outros incômodos da vida humana? Como tolerar a perspectiva de morte? Como enfrentar o rumor fragoroso do mundo e dos inimigos violentos, quando se dobra diante de um adversário tão débil?¹³.

Podem parecer sem valor tais indagações, mas é útil perceber quantos homens colocaram-se à perdição por meio de simples prazeres: “quem se deixa submergir no pântano dos prazeres, sempre bêbado e vomitando, tal indivíduo assim como tem consciência de conviver com o prazer também crê estar com virtude”¹⁴. O prazer desregrado os faz o homem forjar um conceito de consciência, que é na verdade uma ofuscação da própria imoralidade

11 SÊNECA (2006), p.55

12 SÊNECA (2006), p.39

13 SÊNECA (2006), p.48

14 SÊNECA (2006), p.50

contida no desregramento. De acordo com Sêneca¹⁵, “há quem denomina felicidade a inoperosidade ociosa e a troca sucessiva de prazeres voluptuosos da gula e dos demais sentidos. Busca então um defensor poderoso para sua conduta devassa”. Assim, não se deve creditar como verdadeiro o que se diz ‘consciente’. Muitos se dizem, mas não são e nem mais são capazes de perceber a sua inconsciência.

Sendo o prazer sedutor, ele encanta mui facilmente com sua beleza, com sua voz embriagante. Desta maneira, deve-se estar vigilante a todo instante e em todo lugar. Segundo o filósofo, deve-se temer a voz do prazer, pois ela “não ressoa de um único lugar, mas de todo canto da terra. Não há um lugar único suspeito por seus insidiosos prazeres, mas todas as cidades”¹⁶. O prazer se encontra em todo lugar porque ele sai de dentro do próprio homem. Não só o prazer, mas toda espécie de coisas más: “o mal de que padecemos não provêm dos lugares e, sim, de nós mesmos”¹⁷.

O homem que busca alcançar a felicidade pautada nas virtudes, encontra “serenidade estável, alegria profunda”¹⁸. Além disso, encontrar a felicidade é encontrar a liberdade. O único senhor capaz de oferecer ao homem a alforria dos prazeres e de toda espécie de escravidão é o próprio homem. Mas aceitar viver libertado só pode o homem que compreende e vive as virtudes. Aquele que a nada está acorrentado ou apegado.

Enquanto os gregos e os romanos só consideravam cidadãos os homens livres, Sêneca oferece a todos, até mesmo aos escravos, algo maior que a própria cidadania titular: a liberdade de espírito. Dentre tantas outras de suas cartas destinadas ao seu amigo Lucílio, Sêneca escreveu uma a qual intitulou *Do senhor e do escravo*. Nesta carta fica evidentemente expresso o pensamento do filósofo sobre a escravidão:

É um escravo. Mas talvez seja livre na alma. É um escravo. E isso te prejudicará? Mostra-me quem não o seja! Há os escravos da luxúria, da avidez, da ambição: todos somos escravos da esperança e do medo. Tenho condições de te mostrar um cônsul servo de uma criada, um rico senhor submisso a uma escrava, jovens de nobre origem sujeitos a dançarinos de pantomima. Nenhuma escravidão é mais vergonhosa do que a voluntária¹⁹.

15 SÊNECA (2006), p.51

16 SÊNECA (2008), p.32

17 SÊNECA (2008), p.38

18 SÊNECA (2006), p.38

19 SÊNECA (2008), p.42

Dizer que um homem é escravo somente por sua condição servil é muito pouco. O homem é muito mais do que sua imagem exterior. Por isso, Sêneca diz que “se alguém, ao comprar um cavalo, não o examina, mas olha a sela e os arreios, é estúpido; assim é ainda mais estúpido quem julga um homem pela vestimenta e pela condição social, que não passa de uma cobertura externa²⁰.

A maior liberdade a ser alcançada é a liberdade sobre o próprio homem que tem como meta libertar-se de suas paixões. Não é o destaque, o luxo, o senhorio, as posses que determinam o prêmio final de um homem, mas sua própria liberdade. A consciência é o fundamento da felicidade. “É verdadeiramente feliz e dono de si o que espera o amanhã sem preocupação²¹. O que tem plena consciência de si é o sábio que conseguiu ser livre de si, e ao mesmo tempo senhor de si mesmo. É consciente aquele que soube despojar-se de si a tal ponto de poder controlar-se plenamente. Desta maneira, “a vida é longa se for vivida com plenitude. Assim, ela está plena quando a alma tomou posse do bem que lhe é próprio e não depende senão de seu poder²². Somente retomando o caminho da libertação do eu para o seu domínio o homem contemplará o bem!

Apesar de serem coisas distintas, como foi posto anteriormente, Sêneca propõe que se o prazer for tido como decorrência da vida virtuosa, não necessariamente ele implica mal. Pois, o problema não está no prazer, mas na atitude de submissão que os homens a ele se entregam: “a vida que eu defino como prazerosa não pode ser outra senão aquela associada à virtude²³. Em conflito com um escravo do prazer Sêneca sugere: “tu fruis do prazer. Eu dele só me sirvo. Tu crês que ele seja o sumo bem. Para mim sequer bem é. Tu fazes tudo por prazer. Eu nada²⁴. Os prazeres dos sábios são sóbrios, comedidos quase que afivelados, sob medida e mal perceptíveis porquanto sobrevêm quase de improviso. Ao contrário, os que se submetem aos prazeres parecem ter tanta consciência de sua condição que também afirmam que o prazer é a própria virtude. No entanto, para Sêneca, a virtude sobrepõe o prazer: “o prazer é nocivo, quando em excesso, mas a virtude está fora do perigo de ser excessiva, porque contém em si mesma a sua medida adequada²⁵.

20 SÊNECA (2008), p.42

21 SÊNECA (2008), p.22

22 SÊNECA (2008), p.90

23 SÊNECA (2006), p.46

24 SÊNECA (2006), p.47

25 SÊNECA (2006), p.53

Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles procura encontrar o que é o bem supremo, e o faz por meio de uma detalhada análise a cerca do que poder-se-ia constituir este bem. Postulando ser este bem supremo a felicidade – a *eudaimonia* grega, Aristóteles busca distinguir o que de fato é a felicidade das outras opiniões comuns que afirmavam em torno dela. Uma destas é justamente o que foi anteriormente analisado a respeito do prazer. Muitos pensam que a felicidade se encontra no prazer, ou até mesmo, que o prazer é a felicidade. Aristóteles afirma que “se formos julgar pela vida dos homens, estes, em sua maioria, e os mais vulgares entre eles, parecem (não sem fundamento) identificar o bem, ou a felicidade, com o prazer”²⁶. Porém, logo se distancia deste pensamento, uma vez que o bem, isto é, a felicidade deve ser algo que de fato pertença ao indivíduo que a possui, já os prazeres facilmente são retirados do homem. Assim, estes não podem ser o bem.

Aristóteles propõe outras vias de se buscar o bem supremo, se de fato ele é a felicidade e também se este bem é alcançável, uma vez que em seu pensamento a filosofia não pode lidar simplesmente com coisas teóricas e impalpáveis, ela deve lidar com as ações. Pensar em ações é justamente ligar a felicidade às virtudes. Neste ponto, Aristóteles parece encontrar um elemento primeiro e primordial de sua filosofia. Segundo ele “o homem feliz vive bem e se conduz bem, pois praticamente definimos felicidade como uma forma de viver bem e conduzir-se bem”²⁷. Logo, esta vivência deve ser conquistada por meio dos hábitos, que constituem justamente o caminho das virtudes. Desta forma, em Aristóteles pensar em felicidade leva o homem obrigatoriamente a pensar na virtude. Os atos do homem, isto é, suas atividades são determinantes na busca da felicidade, e antes mesmo, da virtude. Por isso, afirma o filósofo: “são nossas atividades conformes à virtude que nos levam à felicidade, e as atividades contrárias nos levam à situação oposta”²⁸.

É de tamanha relevância verificar que, em Aristóteles, tanto a virtude como a felicidade não são estados ideais distantes, mas atividades que o homem contempla já na terra. Quanto às virtudes, Aristóteles afirma que elas são adquiridas não da noite para o dia, mas através dos hábitos. Hábitos estes que se tornam disposições para a ação. Ter disposição para a virtude implica renunciar e lutar contra os vícios e almejar somente o que é bom em si mesmo. Por isso, a virtude não é alcançada de forma larga, mas de maneira trabalhosa. O que age virtuosamente goza da atividade da felicidade, independentemente das vicissitudes e das

26 ARISTÓTELES (2001), p.20

27 ARISTÓTELES (2001), p.26

28 ARISTÓTELES (2001), p.29

tempestades da vida. Este gozar da felicidade é próprio de quem consegue alcançar a mais alta virtude: ‘a sabedoria’.

É importante realçar, ainda, que distintamente de Sêneca, Aristóteles propõe a divisão da virtude de duas maneiras: as virtudes intelectuais e as virtudes morais. O que parece mui próximo é que nos dois pensadores, a virtude, em Sêneca, ou a virtude moral, em Aristóteles não se dão naturalmente. Ou seja, por mais que se fale de virtude natural, ela não se dá naturalmente, mas por meio da educação, dos hábitos. Existe sim na alma humana a capacidade para a virtude, para a sua acolhida e o seu aperfeiçoamento, ou seja, poder-se-ia formular que existe uma ‘predisposição’ da virtude na alma. As virtudes intelectuais, por sua vez, são ligadas à instrução e a estas, Aristóteles não dedica o seu pensamento, mas firma-se nas virtudes morais. Não diferentemente do que já se é conhecido do pensamento aristotélico, também para a virtude moral, Aristóteles, aplica o ‘meio termo’. Em suma, pensar o meio termo na virtude moral consiste em manter a distância entre a falta e o excesso, não propriamente da virtude, pois, ela mesma é o meio termo e se tratando de bem ela é o extremo. A aplicação da virtude moral nas ações constitui, portanto, o meio termo e, é nas ações que se deve evitar o exagero e a falta.

Contudo, mesmo indicando a busca do meio termo, Aristóteles afirma que a natureza do homem parece incliná-lo para o prazer, isto é, para o contrário da virtude moral. Assim ele diz: “ademais, a tendência para o prazer cresce conosco desde a infância; é difícil, por isto, desvencilharmo-nos desta compulsão, arraigada como ela está em nossa vida”²⁹. A virtude moral confere ao homem esta justa medida, que o corrige em buscar apenas o prazer, fazendo com o que este se torne não o fim, mas um partícipe da própria virtude. Não deixa de ser prazerosa a vida do homem virtuoso. Se como foi colocado, o homem tende aos prazeres, alcançar totalmente o meio termo não é uma tarefa simples. Deve-se antes, pois, encontrar ao menos aquilo que é menos danoso ao homem. Aquele velho dito: ‘dos males maiores, escolher os menores’.

Em Aristóteles também, a virtude moral, sendo alcançada pela prática, pelos hábitos, ela não se relaciona meramente com as emoções, uma vez que estas são totalmente instáveis e desprovidas de controle. A virtude moral conduz, portanto, o homem à uma disposição da alma para a contemplação da felicidade. Para isto, veem-se necessários os mecanismos que auxiliem o homem a realizar a virtude e encontrar a disposição para a felicidade. Tais mecanismos são a educação e as leis. A educação auxilia o homem a desenvolver hábitos

29 ARISTÓTELES (2001), p.38

virtuosos e as leis podem auxiliá-lo na organização e na proteção no exercício da virtude, isto no âmbito de todos os membros da sociedade.

Sêneca, diferente de Aristóteles que postulava uma ação política, firmou-se somente no indivíduo como responsável único e direto para a prática e a seguridade do cumprimento da virtude, uma autoeducação. Bem sabe-se que a Grécia vivida por Aristóteles é a da democracia, enquanto, Sêneca viveu em tempo de grande tirania Imperial em Roma. Em Sêneca, essa autoeducação para se procurar as virtudes é a vontade. Assim afirma Pohlenz: “Para Sêneca o fator decisivo para a autoeducação é a vontade. É este um tratado não grego, mas romano, introduzido na Estoá de Sêneca”³⁰. Em Sêneca, não se sabe de certo donde vem a vontade. Ela não vem da psicologia do indivíduo nem do intelecto, o mais certo seria encontrar sua origem no mais profundo da alma.

Somente o que é bom em si pode levar o homem à felicidade. Aí se dá o ponto magno da virtude. De acordo com Sêneca, só a virtude é capaz de aproximar-se do sumo bem e somente ela é perfeita e divina a tal ponto de ser suficiente, ou melhor, mais que suficiente para o homem ser feliz. Daí segue-se a afirmação: “a verdadeira felicidade consiste na virtude”³¹. Se por um lado chegar à felicidade é chegar à plenitude do bem, Sêneca trata deste assunto de modo semelhante ao de Aristóteles. Ou seja, que a felicidade é possível mediante a prática das virtudes. É válido enfatizar que em Aristóteles a virtude sendo meio termo é somente o caminho para a felicidade, já no pensamento de Sêneca, se a virtude conduz à felicidade, ambas se confundem.

Compreende-se claramente que o foco central da filosofia senequiana é a plenitude da felicidade e não a sua contemplação em relances. O homem deseja “algo de grandioso e mesmo de máximo, situado perto de Deus: não ser abalado. (...) ver tudo com alegria, sem que tal gozo se interrompa porquanto persiste plácido, sem exaltação nem abatimento”³².

O homem almeja a ‘tranquilidade’. Eis no que consiste a felicidade absoluta. As virtudes humanas implicam progresso, pois, estão intimamente ligadas à natureza do homem. Assim, confiar-se à razão, é buscar como em Aristóteles ‘o meio termo’. Ou seja, não se viver na inércia, nem entregar-se ao movimento das paixões. Uma vez que, a inconstância das paixões leva à escravidão. O caminho do ócio indicado por Sêneca é justamente buscar não a inoperosidade, mas operosidade frutuosa, que leve o homem ao encontro consigo mesmo e

30 POHLENZ (2005), p.665.

31 SÊNECA (2006), p.57

32 SÊNECA (2008), p.34-35

com o bem supremo: “ao retirar-se, seja onde for que acolha seu repouso, o indivíduo envidará por ser útil a todos e a cada um em particular, mediante o seu talento, palavra e conselho”³³.

Para Sêneca “somos fracos para tolerar qualquer incômodo; incapazes de aturar, por longo tempo, trabalho, prazeres e qualquer desconforto”³⁴. Bom seria se o homem fosse capaz de reter-se somente na alegria. Porém, estagnar-se mesmo que em coisas boas, significa empecilho para contemplar coisas ainda melhores. Pois, a vida é uma batalha e a “a vitória mais bela ganha aquele o qual vence a si mesmo e as suas paixões”³⁵, e não o que fica parado no tempo. As lutas dessa batalha, não são conquistadas por outro meio, a não ser pelas virtudes. A batalha conhecida pelos romanos na luta em defesa do império e pela conquista de novos territórios,

para a nova geração não consiste mais no sacrificar-se pelo estado em guerras e na vida pública, mas identifica-se como uma atitude firme e inabalável, que sente-se como um dever também ao serviço da coletividade, mas sobretudo ajuda ao indivíduo a realizar o próprio destino e a atingir a eudaimonia³⁶.

Pohlenz continua a respeito da virtude em Sêneca:

A virtus é a completa manifestação do logos que é em cada um de nós e é por isso também a máxima da perfeição individual, uma condição espiritual complexa perante à qual os indivíduos virtuosos passam em segundo plano; ao par que a eudaimonia ela não permite graduações e é em igual medida acessível a todos os seres humanos, homens e mulheres, cidadãos livres e escravos³⁷.

Todos os homens se estão postos no mundo são convidados de forma voluntária a lutar na batalha da vida. Uns se perdem no caminho, outros o encontram já no fim, e há os que nunca trilham o caminho correto. Por isso, vê-se a necessidade de buscar a perfeição, a imutabilidade. Para que se caminhe sempre no caminho da virtude e nunca dele se desvie. É impossível e contra a natureza ser imutável na terra. Resta ao homem, portanto, viver de acordo com a razão, com a consciência até chegar ao seu fim. Pohlenz afirma que “o fim do

33 SÊNECA (2008), p.40

34 SÊNECA (2008), p.38

35 POHLENZ (2005), p.656.

36 POHLENZ (2005), p.655.

37 POHLENZ (2005), p.655.

homem é uma vida de harmonia com a natureza, e ele pode alcançá-la com as próprias forças graças às atitudes que possui. Na sua consciência ele tem um guia infalível para a ação”³⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury. 4ª ed. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2001.
- POHLENZ, Maximilian Hugo. *La Stoa: storia di un movimento spirituale*. Traduzione di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2005.
- PULS, Maurício Mattos. *Arquitetura e filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- SÊNECA, Lúcio Anneo. *Sobre brevidade da vida*. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____. *A Vida feliz*. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.
- _____. *A tranquilidade da alma e a vida retirada*. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.
- _____. *Aprendendo a viver: cartas a Lucílio*. Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2008.

38 POHLENZ (2005), p.666.